



XXV CONGRESSO BRASILEIRO DE NUTRIÇÃO BRASÍLIA – DISTRITO FEDERAL CARTA DA TENDA JOSUÉ DE CASTRO

A primeira edição da Tenda Josué de Castro aconteceu durante o XXI CONBRAN em Joinville, Santa Catarina, no ano de 2010. No XXV CONBRAN, em Brasília, encerramos com esta carta, a 20ª. edição da Tenda e a 5ª. edição dentro do CONBRAN.

Esta carta, construída coletivamente, representa as reflexões e propostas de todas e todos que passaram pela Tenda durante o CONBRAN. Mas, também representa aqueles e aquelas que são diariamente violentadas, agredidas e mortas nesta e em outras lutas. Ingrid Israel, Marielle Franco, Remís Carla, Eloá Cristina, Elisa Samúdio, Mércia Naka também estavam presentes na Tenda e esta carta as homenageia, reforçando a luta contra o feminicídio e a criminalização dos movimentos sociais. Quando Marielle é assassinada, cada um de nós, e tudo o que defendemos, leva um tiro! E, reforçando o coro do movimento estudantil, por todas elas, nenhum minuto de silêncio, mas toda uma vida de luta!

Nesta edição, a partir do resgate da histórica luta de Josué de Castro contra a fome, a miséria e pela garantia do direito de todas e todos terem uma alimentação adequada, a Tenda Josué de Castro foi ambiente para o debate sobre os dilemas da compreensão do alimento enquanto mercadoria ou direito humano, a necessidade da defesa da cultura, patrimônio e soberania alimentar e a manutenção das políticas públicas para promoção da segurança alimentar e nutricional. A Tenda também abriu espaço para o Tempero de Palavras, grupo que reconhece na leitura a construção da possibilidade de mudar o mundo, entendendo que “comida e palavra vem da mesma mãe: a fome!”. O Movimento Comer Pra Quê? também utilizou o espaço da Tenda Josué de Castro para refletir sobre as práticas alimentares em todas as suas dimensões. Mas, principalmente, esta edição foi marcada pelo reconhecimento das lutadoras e lutadores da segurança alimentar e nutricional no Brasil, nas falas presentes em todos os momentos da Tenda, mas principalmente, durante a Roda de Conversa sobre o Fórum Brasileiro de Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (FBSSAN) e na homenagem a estes homens e, sobretudo as mulheres, ocorrida no espaço Josué de Castro Convida, que culminou com a entrega do troféu Josué de Castro ao Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional.

A primeira roda de conversa intitulada “Alimento Mercadoria ou Direito Humano: como esta discussão compõe o processo de formação de nutricionistas e a atuação no controle social”, destacou a necessidade de situar esta discussão em um momento onde 10 milhões de pessoas foram novamente jogadas na miséria e, em que se reforça o discurso e a prática da retirada de direitos e do acesso a alimentação adequada do povo trabalhador, como estratégia para sua submissão a uma elite que deseja retomar seus privilégios. Ainda, foi apontado o enorme retrocesso, no período pós-golpe, na luta feminista. Participantes da Tenda apontaram que a manutenção do alimento enquanto mercadoria impossibilita a garantia do direito humano à alimentação adequada. Além disso, relataram a

dificuldade em romper com a lógica mercadológica, capitalista e neoliberal da alimentação, em virtude de todo o processo produtivo do alimento ter sido convertido em mercadoria, seja a terra, a água, as tecnologias, as sementes e, inclusive a cultura alimentar. O debate também apontou o papel da formação de nutricionistas enquanto aspecto que reforça o alimento enquanto mercadoria, visto que o próprio processo educativo é tratado como tal e, conseqüentemente, resulta em uma formação para atender as demandas de mercado e não garantia de direitos.

Assim, compreende-se que a formação pautada na prática, que estimule o reconhecimento no território das situações e demandas sociais, aparece como estratégia fundamental para orientar a construção da profissão, da ciência e de seres humanos comprometidos com a garantia de direitos sociais. Tais posições reforçam também a luta contra a precarização do ensino, público ou privado, e contra o EAD nos cursos da saúde. A Roda destacou ainda que o ato de se alimentar e todos os processos que o envolvem são ações políticas. Desta forma, para que se perceba a alimentação enquanto direito humano e ação política o povo (incluindo no conceito de povo os e as participantes do CONBRAN) precisa se perceber enquanto classe trabalhadora, enquanto sujeitos que coletivamente podem resistir e defender seus direitos, as políticas públicas e a democracia.

O “Fórum Brasileiro de Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (FBSSAN): seu papel na construção da participação e controle social” foi o tema da segunda Roda de Conversa. Este momento, para além de uma homenagem ao FBSSAN, demarcou a importância de fortalecer as diversas organizações da sociedade civil e de controle social que, na atual conjuntura devem se definir como grandes espaços de resistência ao desmonte das políticas públicas e imposição de um estado não democrático. A partir do relato de membros do Fórum, discutiu-se como continuar e fortalecer a luta pela garantia do direito humano à alimentação adequada na atual conjuntura. Entendendo que o FBSSAN é uma luta que vale a pena, defendeu-se a alimentação enquanto direito, e sua defesa acima de posições partidárias, mas sem negar o prejuízo que o discurso de neutralidade causa na luta por garantia de direitos. Foi apontada a necessidade do Fórum se fortalecer a partir de suas bases sociais, encarando o desafio de olhar para trás e aprender com sua própria história os caminhos para revigorar a luta pela retomada de um estado democrático, inclusivo e de justiça social, reconhecendo a importância das mulheres e sua luta na construção e defesa da segurança alimentar e nutricional e da soberania alimentar. Também foi reconhecido o papel do Fórum enquanto potencializador da extensão popular enquanto estratégia para fortalecer o aprendizado mútuo com os movimentos sociais.

A terceira Roda de Conversa debateu “Cultura e Soberania Alimentar: do que estamos falando e do que precisamos”. Apesar da cultura alimentar ser dimensão do conceito brasileiro de segurança alimentar e nutricional, esta dimensão tem sido marginalizada na agenda das políticas públicas de alimentação e nutrição. Ainda, discutiu-se que o conceito de soberania alimentar não está explícito na política nacional de segurança alimentar e nutricional, dificultando sua compreensão e a definição de estratégias para sua promoção. Este momento abordou que as

corporações e grandes indústrias não podem ser guardiãs e pautar a cultura alimentar, homogeneizando hábitos e destituindo os povos da possibilidade de reprodução de suas formas de produção e consumo de alimentos. A necessidade de construir legislações sanitárias que respeitem a cultura alimentar e se desvinculem dos interesses das indústrias de alimentos, apareceu como estratégia necessária para a soberania alimentar. A Roda também defendeu a diferenciação de cultura alimentar e gastronomia, visto que esta última tem se apresentado enquanto devastadora da própria cultura alimentar, a partir de uma prática racista, machista, misógina e estreitamente ligada aos interesses da indústria de alimentos, reforçando o alimento mercadoria, o aumento do preço de alimentos e a desvalorização de práticas culinárias tradicionais e, conseqüentemente, dificultando o acesso a uma alimentação adequada. A reforma agrária, a defesa e prática dos direitos da natureza, dos ciclos curtos de produção, da transformação de consumidores em co-agricultores apareceram como condições necessárias para defesa da cultura alimentar, da soberania alimentar e da garantia do direito humano à alimentação adequada. Refletiu-se também o quanto o saber e fazer da nutrição e, por conseguinte dos nutricionistas, reforça, com o discurso da alimentação saudável, a desvalorização da cultura alimentar dos povos e é gerador de inúmeras fobias, como a gordofobia.

O Espaço Josué de Castro Convida homenageou as lutadoras e lutadores da segurança alimentar e nutricional de ontem, hoje e sempre. Nas edições anteriores, a Tenda homenageou pessoas específicas, mas, diante do atual cenário sócio-político brasileiro, percebeu-se a necessidade de uma homenagem



coletiva, pois quando a ameaça é coletiva, o coletivo é a resposta. Assim, este momento, para além de proporcionar o reconhecimento de sujeitos e suas histórias na luta pela garantia do direito humano à alimentação adequada, também foi espaço para expor angústias e, principalmente, reforçar uma identidade de grupo de resistência, sustentado por verbos simbólicos: unir, lutar, esperar e resignificar. O troféu Josué de Castro foi entregue ao Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, nas mãos da sua presidenta Elisabetta Recine, reforçando o papel fundamental deste e de todos os Conselhos de controle social, e instituições representativas da sociedade civil enquanto espaços históricos de resistência e luta de mulheres, homens, movimentos sociais e técnicos orgânicos. E, finalizando esta carta, fica a mensagem dita e reforçada na Tenda: Diga ao povo que avance!

Brasília, 21 de abril de 2018
TENDA JOSUÉ DE CASTRO
XXV CONBRAN